

LIBERDADE EMPRESTADA

Escritores perseguidos ou jurados de morte encontram proteção em 25 cidades do mundo. No Brasil, o cubano Ricardo Alberto Peres, censurado por Fidel Castro, foi acolhido há três anos por Passo Fundo, no Rio Grande do Sul

João Cláudio Garcia
Da equipe do *Correio*

Enric Martí/AP

Refugiados políticos existem aos montes no mundo, assim como as leis que regulamentam sua permanência num determinado país. O Panamá, tradicional receptor de asilados, é conhecido como depósito de políticos perseguidos, mas o Brasil também serve de abrigo para os ex-presidentes paraguaios Alfredo Stroessner e Raúl Cubas. Desde 1997, o país recebe outro tipo de refugiados: escritores.

A idéia de regulamentar mundialmente o asilo de autores foi do Parlamento Internacional de Escritores (PIE), criado em 1993 na Europa como uma organização de direitos humanos, em resposta ao assassinato de escritores na Argélia. Cerca de 300 escritores proclamaram sua solidariedade com os que estavam sendo perseguidos ou mortos. O parlamento escolheu seu nome como uma alternativa artística ao Parlamento Europeu de Bruxelas.

Vinte e cinco cidades — como Las Vegas, Barcelona, Cidade do México, Frankfurt e Veneza — concordaram em fazer parte do principal programa do Parlamento Internacional de Escritores, o Cidades-Asilo. A idéia é simples: a prefeitura fornece uma casa, aproximadamente R\$ 98 mil em ajuda financeira por um ou dois anos, auxílio para obtenção de passaporte ou visto, todo apoio para que novos livros sejam publicados, e proteção física quando necessário. Cerca de 60 escritores de vários países são beneficiados com o programa.

Em troca, o asilado participa e incentiva a vida cultural da cidade que o acolheu. O Brasil vive essa experiência desde 1997, quando Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, tornou-se a primeira cidade fora da Europa a entrar no programa das Cidades-Asilo. Um ano depois os gaúchos receberam o escritor cubano Ricardo Alberto Peres, que vivia confinado em Havana, com livros censurados e proibidos de circular pelo governo de Fidel Castro.

Sua saída da ilha comunista foi viabilizada por um acordo entre o PIE, o governo cubano e o Itamaraty. Por ser sede da Jornada Nacional de Literatura, Passo Fundo não teve muitas dificuldades para ser aceita pelo órgão que escolhe as Cidades-Asilo.

O primeiro presidente do PIE foi Salman Rushdie, autor de um dos livros mais polêmicos do mundo, *Versos Satânicos*, que provocou a ira dos extremistas muçulmanos do Irã. Ele conseguiu refúgio em Estrasburgo, na França. O atual presidente é o nigeriano e Prêmio Nobel de Literatura em 1986, Wole Soyinka. Ele ficou dois anos preso na Nigéria por apoiar um movimento separatista durante a guerra de Biafra, mas deixou de ser perseguido no país há dois anos.

Foi idéia de Soyinka nomear Las Vegas como a primeira Cidade-Asilo nos Estados Unidos. Quando recebeu um título honorário pela Universidade de Nevada em Las Vegas em 1999, ele conheceu Glenn Schaeffer, um rico empresário de cassinos, que ofereceu apoio financeiro para artistas em exílio no estado de Nevada. O primeiro foi Syl Cheney-Coker, um poeta de Serra Leoa, na África.

Em 1997, Coker foi informado por diplomatas norte-americanos que sua vida corria perigo. Dezenas de milhares de pessoas foram assassinadas e perseguidas por terroristas rebeldes durante uma década de guerra civil em Serra Leoa. Depois de

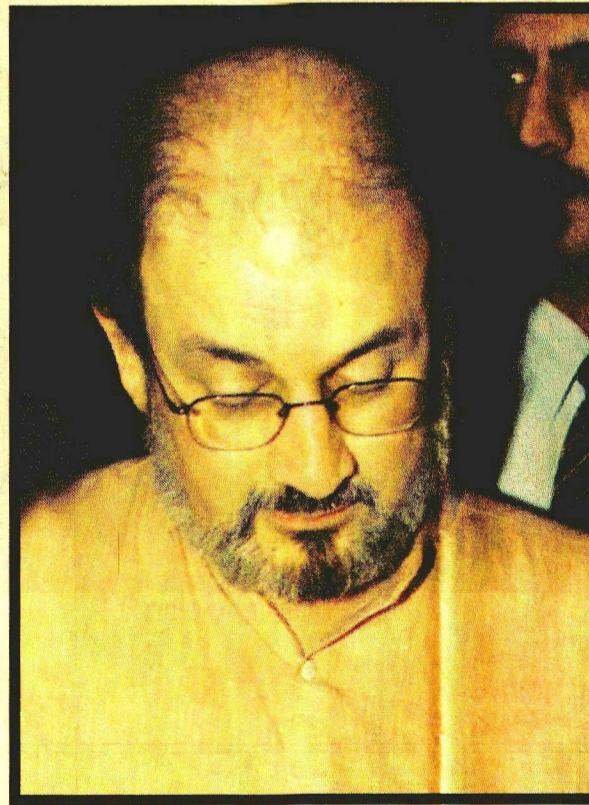


PELA CABEÇA DO ESCRITOR SALMAN RUSHDIE, O AIATOLÁ RUHOLLAH KHOMEINI OFERECEU QUASE TRÊS BILHÕES DE DÓLARES. A IMPRENSA NÃO PERDOOU A AFRONTA À LIBERDADE DE EXPRESSÃO

OS DONOS DA IDÉIA

Salman Rushdie

Romancista que nasceu em Bombaim, Índia, em 1947. Seu avô era poeta, e seu pai foi professor em Cambridge. Aos 14 anos, Rushdie foi estudar na Inglaterra. Em 1964, seus pais se mudaram para o Paquistão, seguindo o êxodo de muçulmanos causado pela guerra com a Índia. Rushdie já foi ator de teatro e apresentador de televisão. Sua vida começou a correr perigo depois que ele escreveu o livro *Os Versos Satânicos*, no qual satiriza crenças islâmicas. O aiatolá Khomeini pediu a cabeça de Rushdie. Seu livro foi banido na Índia e África do Sul. Em 1990, o autor — que para piorar a situação não se considera muçulmano — escreveu *In Good Faith* (De Boa Fé),

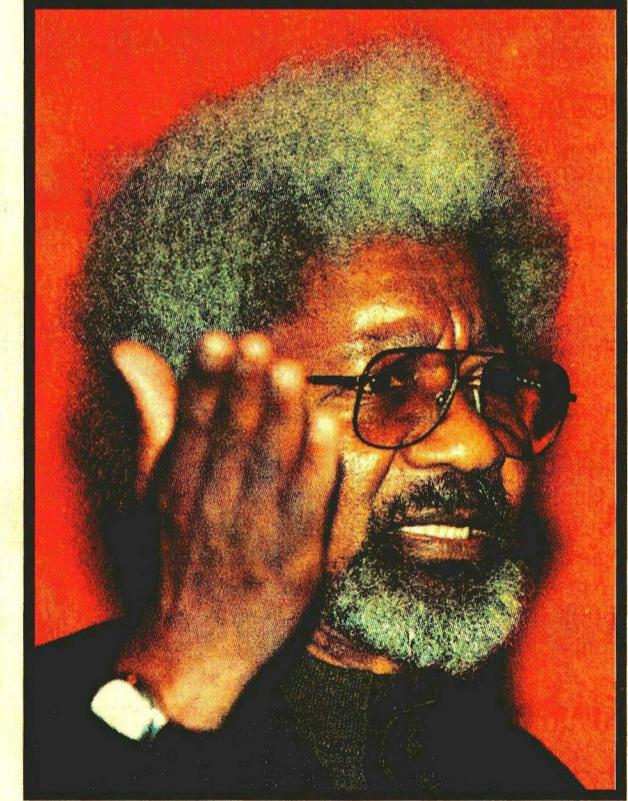


no qual apresenta um pedido de desculpas e reafirma seu respeito pelo Islã. Porém, os iranianos ainda não desistiram de vê-lo morto. Vive atualmente em Estrasburgo, França.

Wole Soyinka

Nasceu em 1934 em Abeokuta, oeste da Nigéria. Estudou em Leeds, na Inglaterra, onde doutorou-se em 1973. Quando ainda vivia em sua terra natal, que atravessava uma guerra civil na década de 60, escreveu um artigo propondo um cessar-fogo. Por causa desse texto ele foi preso em 1967, acusado de conspirar a favor dos rebeldes separatistas de Biafra. Permaneceu como preso político durante 22 meses, até 1969. Escreveu mais de 20 livros, entre romances, dramas e poesias. Famoso por sua riqueza de vocabulário, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1986. Um dos líderes do movimento pró-democracia na

Andrew Wallace/Reuters 16.03.00



Nigéria, escreveu *A Ferida Aberta do Continente: uma Narrativa Pessoal da Crise Nigeriana*. Atualmente é professor de inglês e drama na Universidade de Ibadan, na Nigéria.

passar algum tempo ensinado literatura em Nova York, ele se mudou para Las Vegas, onde recebeu um carro, uma casa e US\$ 30 mil por ano, financiados principalmente pela rede de cassinos Mandalay Resort. Em sua nova morada, ele termina de escrever *Stone Child*, sobre as minas de diamante que financiam os rebeldes em sua terra natal.

O programa do PIE continua ganhando adeptos. Uma das próximas cidades a entrar no programa pode ser São Paulo, Rio de Janeiro, Barbacena ou Curitiba. Outras fazem de tudo para serem incluídas. É o caso da francesa Ferney, na fronteira com a Suíça. O Ministério da

Cultura comprou o castelo do escritor e filósofo do século 18 Voltaire, para que sirva de abrigo a escritores. O castelo, com oito esculturas de Emile Lambert, doze sofás ao estilo Luis XV, um parque e outras curiosidades — como a cama onde dormia o filósofo —, foi adquirido por US\$ 2,3 milhões.

Para difundir sua mensagem, o PIN criou a *Autodafe*, uma revista literária com ensaios, artigos e poemas que tratam de repressão, censura e outras questões. Ela é publicada semestralmente em cinco línguas em cinco países, com mais edições previstas para o futuro.

“O parlamento representa in-

divíduos que são invisíveis, cujas vozes não são ouvidas e que de outra forma seriam varridos para a lata de lixo da história”, disse Russell Banks, um dos membros fundadores do PIN. Segundo o editor da *Autodafe*, Christian Salmon, “quando escritores se encontram fisicamente em risco, às vezes apenas a mudança de país os livrará do perigo”.

Mas, às vezes, eles também podem ser vítimas de ameaças, como foi o caso de Fernando Savater, um filósofo basco que só viaja com guarda-costas. Nas cidades-asilo, geralmente a proteção é fornecida pela polícia local, mas pode contar com a colaboração de agentes federais

ou de seguranças particulares.

O parlamento tem duas características que o diferem da PEN, uma organização de autores, editores e tradutores que promove a liberdade de expressão, e outras organizações não-governamentais. A primeira é a questão da proteção, a outra é a transnacionalidade. “A PEN é basicamente uma união de entidades nacionais”, disse Banks.

Desde o início do parlamento, 80 escritores do Afeganistão, Albânia, Irã, Argélia e outros países foram ajudados. Sobre o que representaria se o PIE e as cidades-asilo já existissem há mais tempo, Banks disse: “García Lorca poderia estar vivo.”

SITE RELACIONADO

Revista do Parlamento Internacional de Escritores: www.sevenstories.com/autodafe.htm